



COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE ANSIEDADE DE DUAS EQUIPES DE BASQUETEBOL: EXISTE EFEITO DA IDADE E DO MOMENTO DA COMPETIÇÃO?

Comparison of anxiety levels of two basketball teams: is there an effect of age and time of competition?

Ivan Wallan Tertuliano¹
Higor dos Santos de Souza²
Bruna Alves Santana³
Rosana Lopes da Silva Garcia⁴
José Maria Montiel⁵
Daniel Bartholomeu⁶

RESUMO

O objetivo deste estudo foi verificar o efeito da idade (sub-13 *versus* sub-15) e do momento da competição (início da temporada *versus* final da temporada) nos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de basquetebol. Participaram do estudo, de forma voluntária, 26 atletas federados do sexo masculino de duas categorias: sub-13 (13 atletas) e sub-15 (13 atletas). Os atletas responderam o Competitive State Anxiety Inventory - 2R (CSAI-2R) antes da primeira partida da temporada e antes da partida da final da temporada. Os resultados revelaram a inexistência de diferenças entre os grupos para todas as variáveis (ansiedade somática, ansiedade cognitiva e autoconfiança), comparando-os no início e no final da temporada. Também foi verificado que os atletas, independente do grupo ou do momento da coleta, apresentam escores elevados de autoconfiança, comparados ao de ansiedade somática e cognitiva. Pode-se concluir que não houve efeito da idade e do momento competitivo para este estudo, pois não houve diferença entre os grupos para nenhuma variável e/ou momento competitivo, e que durante a temporada os dois grupos apresentaram alto escore de autoconfiança e baixo escore de ansiedade (cognitiva e somática), ou seja, pode-se dizer que a autoconfiança atuou como reguladora da ansiedade, como previsto pela teoria multidimensional da ansiedade.

Palavras-chave: Ansiedade. Ansiedade pré-competitiva. Basquetebol. Psicologia do Esporte.

ABSTRACT

The aim of this study was to verify the effect of age (under-13 vs under-15) and time of competition (start of season vs end of season) on pre-competitive anxiety levels in basketball athletes. Twenty-six male federated athletes from two categories participated in the study, voluntarily: sub-13 (13 athletes) and sub-15 (13 athletes). Athletes responded to the Competitive State Anxiety Inventory - 2R (CSAI-2R) before the first game of the season and before the final game of the season. The results revealed no differences between groups for all variables (somatic anxiety, cognitive anxiety and self-confidence), comparing them at the beginning and at the end of the season. It was also verified that the athletes, regardless of the group or the moment of collection, present high scores of self-confidence, compared to somatic and cognitive anxiety. It can be concluded that there was no effect of age and competitive moment for this study, as there was no difference between the groups for any variable and/or competitive moment, and that during the season both groups presented high self-confidence scores and low scores of anxiety (cognitive and somatic), that is, it can be said that self-confidence acted as a regulator of anxiety, as predicted by the multidimensional theory of anxiety.

Keywords: Anxiety. Pre-competitive anxiety. Basketball. Sport Psychology.

¹ Universidade Anhembi Morumbi, Escola de Ciências da Saúde, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: ivanwallan@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6413-6888>.

² Centro Universitário Adventista de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: higosantossouza15@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4184-7748>.

³ Centro Universitário Adventista de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: brunasantna@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9352-1977>.

⁴ Centro Universitário Ítalo Brasileiro de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: robask2906@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6015-1909>.

⁵ Universidade São Judas Tadeu Instituto de Psicologia, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: montieljm@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0182-4581>.

⁶ Centro Universitário Padre Anchieta, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: d_bartholomeu@yahoo.com.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8524-7843>.





1 INTRODUÇÃO

A ansiedade pode ser entendida como um construto multidimensional, pois se refere à disposição da pessoa em responder ao estresse, e a tendência para perceber situações como estressantes (FERNANDES *et al.*, 2013a). Dessa maneira, a ansiedade é uma razão psicológica que pode ter relação com aspectos somáticos (fisiológicos) e cognitivos (pensamentos) (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990). No âmbito do esporte a competição é um fator que pode comprometer os níveis de estresse dos atletas (MACHADO, 2006; SAMULSKI, 2009; TERTULIANO; MACHADO, 2019; WEINBERG; GOULD, 2017).

Com base no construto multidimensional apresentado acima, alguns instrumentos foram produzidos com o objetivo de compreender a influência da ansiedade no desempenho atlético. Dentre os instrumentos desenvolvidos cita-se o STAI (State-trait anxiety inventory), que no Brasil é denominado de IDATE, inventário de Ansiedade traço-estado (BIAGGIO; NATALÍCIO; SPIELBERGER, 1977) e o CSAI-2 (Competitive State Anxiety Inventory – 2) (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990). Desses instrumentos, o CSAI-2, atualmente, é o mais utilizado pelos estudos (PONS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019), pois parte do desígnio de mensurar ansiedade por meio de três subescalas: ansiedade de estado cognitiva (componente de pensamento – como preocupação e apreensão), ansiedade de estado somática (grau de ativação física percebida) e autoconfiança (ausência de ansiedade) (WEINBERG; GOULD, 2017).

No Brasil o CSAI-2 é validado em sua versão original (COELHO; VASCONCELOS-RAPOSO; MAHL, 2010), bem como em suas versões reduzidas – CSAI-2R de 17 itens (FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012) e de 16 itens (FERNANDES *et al.*, 2013b). A diferença entre as versões é que a versão de 16 itens, além de avaliar a dimensão intensidade, também avalia as dimensões direção e frequência da ansiedade.

Intensidade tem relação aos níveis dos traços cognitivos e somáticos, ou seja, a intensidade desses traços (HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017). A direção é apresentada como a compreensão dos atletas acerca da ansiedade cognitiva e somática, e se eles compreendem que a ansiedade seja positiva ou negativa para ao desempenho posterior (JONES; SWAIN, 1992). Por fim, a frequência é apontada como o tempo que o atleta passa respondendo aos sintomas de ansiedade experimentados na competição (SWAIN; JONES, 1993). Cabe lembrar que as duas versões, com 17 ou 16 itens, são validadas e podem ser utilizadas.

Assim, utilizando-se o CSAI-2 e as versões reduzidas, alguns estudos foram realizados (ARRUDA *et al.*, 2017; CORRÊA, 2016; FERNANDES *et al.*, 2013b, 2021; FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012; FERREIRA *et al.*, 2021; FORTES *et al.*, 2017; GUERRERO; FERNANDES, 2021; HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017; MARENUCCI *et al.*, 2020; MILAVIĆ; JURKO; GRGANTOV, 2013; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; PAES *et al.*, 2016; PALUDO *et al.*, 2016; PONS *et al.*, 2018; SANTANA *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2021; TEIXEIRA; NUNES; CRUZ, 2016; TERTULIANO *et al.*, 2019).

Dos estudos apresentados, poucos foram conduzidos com atletas de basquetebol (ARRUDA *et al.*, 2017; CORRÊA, 2016; GUERRERO; FERNANDES, 2021; SANTANA



et al., 2020), demonstrando uma lacuna acerca de estudos com atletas de Basquetebol. Essa justificativa é plausível, pois a literatura argumenta que a modalidade esportiva pode influenciar os níveis de ansiedade dos atletas (ALEJO *et al.*, 2020; SANTANA *et al.*, 2020; SANTOS *et al.*, 2019). Além disso, outro fator que pode influenciar os níveis de ansiedade é a idade dos atletas (SANTOS *et al.*, 2019; TERTULIANO *et al.*, 2019).

A literatura tem sugerido que atletas mais velhos apresentam escores mais baixos de ansiedade somática e cognitiva, quando comparados com atletas mais jovens (FERNANDES *et al.*, 2014; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; NOGUEIRA, 2016; PAES *et al.*, 2016; VIEIRA *et al.*, 2011). Todavia, como citado anteriormente, esses achados podem ter relação com a modalidade esportiva e, como nenhum dos estudos citados foi conduzido com atletas de basquetebol, existe outra lacuna a ser investigada, justificando o presente estudo.

Somado ao exposto, inúmeros autores citam que os níveis de ansiedade se alteram no decorrer de uma competição, mas poucos estudos avaliaram a ansiedade pré-competitiva no decorrer de uma competição (FERREIRA *et al.*, 2021; HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; SANTANA *et al.*, 2020), justificando, novamente, o presente estudo.

Assim, a pergunta norteadora do presente estudo é: Atletas mais velhos apresentam níveis mais baixos de ansiedade pré-competitiva, e esses níveis se alteram durante uma temporada de basquetebol? Portanto, o objetivo deste estudo foi verificar o efeito da idade (sub-13 *versus* sub-15) e do momento da competição (início da temporada *versus* final da temporada) nos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de basquetebol.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Participantes e tipo de estudo

No presente estudo assumiu-se a concepção de um estudo de caso (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012), pois a amostra foi selecionada por conveniência, e alguns critérios foram adotados, como: (a) seleção de atletas de uma mesma equipe/clube; (b) coleta com todos os atletas em uma mesma competição, ou seja, apenas os atletas que participaram da competição alvo, nos dois momentos de coleta, foram avaliados; (c) as duas equipes eram treinadas pela mesma comissão técnica (treinador e auxiliares).

O estudo teve a participação voluntária de 26 atletas das categorias de base do Basquetebol, de um mesmo clube, com idade entre 13 e 15 anos ($14,19 \pm 0,63$), todos do sexo masculino. Enquanto tempo de equipe, os participantes apresentaram média, em meses, de $30 \pm 27,8$. Em relação as posições dos jogadores, 6 atletas atuam como Ala, 7 como Ala/Pivô, 5 como Amador, 1 como Lateral e 7 como Pivô.

Os participantes pertencem a duas categorias do Basquetebol, a sub-13 (13 participantes) e a sub-15 (13 participantes). Os atletas foram alocados em dois grupos para análises posteriores,



sendo: Grupo 1 – atletas da categoria sub-13, com média de idade de $13,75 \pm 0,42$ anos; Grupo 2 – atletas da categoria sub-15, com média de idade de $14,57 \pm 0,51$ anos.

2.2 Instrumentos

Os atletas responderam o Competitive State Anxiety Inventory – 2R (CSAI-2R), proposto por (COX; MARTENS; RUSSELL, 2003) e validado para o Brasil, com 16 itens (FERNANDES *et al.*, 2013b). Cabe apontar que a versão reduzida apresenta a mesma qualidade psicométrica que a versão original, mas tem a vantagem de ser mais rápida a sua aplicação, pois contém menos itens (FORTES *et al.*, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016). O CSAI-2R é um instrumento com 16 itens, que avalia três subescalas: ansiedade cognitiva (itens 1, 4, 6, 8, 12), ansiedade somática (itens 2,5, 9, 11, 13 e 15) e autoconfiança (itens 3, 7, 10, 14 e 16).

Ademais, essas subescalas podem ser analisadas de acordo com as dimensões: frequência, intensidade e direção. No presente estudo assumiu-se a análise somente da dimensão intensidade, assim como em outros estudos (FERNANDES *et al.*, 2021; SANTANA *et al.*, 2020; TERTULIANO *et al.*, 2019). No CSAI-2R, versão com 16 itens (FERNANDES *et al.*, 2013b), a intensidade é aferida por meio da escala Likert de 4 pontos alternando de 1 (nada) a 4 (muito). Dessa forma, para calcular o escore de cada subescala, deve-se somar as respostas dos itens de cada subescala e dividir pelo respectivo número de itens, gerando um valor entre 1 e 4.

2.3 Procedimentos

O estudo transcorreu consentido pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD sob o número de parecer: 1.541.273. Por ser uma pesquisa feita com humanos, respeitou-se os fundamentos legais que abrange a coleta de dados com os mesmos, cumprindo os padrões metodológicos e éticos de investigação com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), resolução 466/12.

Após a devida aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa, sucedeu-se contato inicial com os responsáveis do clube, com o intuito de apresentar o objetivo do estudo e solicitar permissão para coleta. Com a permissão dos técnicos, entrou-se em contato com os participantes para comunicar a finalidade da pesquisa, deixando os atletas instruídos dos objetivos do estudo. O próximo passo consistiu-se em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), assegurando assim o anonimato de todos os participantes da coleta. Cabe dizer que no estudo presente todos os voluntários são menores de 18 anos e, à vista disso, o TCLE foi firmado por um responsável, adulto, e o menor assinou o termo de assentimento.

O CSAI-2R foi preenchido em duas etapas: no começo da temporada (Abril de 2018), no dia da partida inicial do torneio e ao final da temporada (Novembro de 2018), no dia da partida final do campeonato, o que conjugou, para as dois times, com as finais do campeonato (sub-13 e sub-15), sendo preenchido, nas duas etapas, entre duas horas e uma hora antes dos



jogos, seguindo os procedimentos de outros estudos (FERNANDES, *et al.*, 2013b, 2014; SANTANA *et al.*, 2020; TERTULIANO *et al.*, 2019). Para certificar a confiabilidade dos dados coletados, o instrumento foi preenchido individualmente, com o atleta acompanhado de um dos pesquisadores. Tal procedimento garantiu, também, que não houve troca de informações entre os atletas durante a aplicação do questionário.

Os atletas responderam ao questionário em aproximadamente 10 minutos. Com o questionário preenchido, os dados foram digitados no Excel®, versão 2016, para análise, a posteriori, no Statistical Package for the Social Sciences – IBM (SPSS®), versão 22.

2.4 Análise estatísticas

Dado o número de participantes do presente estudo, houve a obrigação de testar a normalidade e a homogeneidade de variância dos dados, o que foi realizado por meio dos seguintes testes: Kolmogorov-Smirnov (K-S) para normalidade e o teste de Levene para homogeneidade de variância. Cabe dizer que esses procedimentos analíticos foram adotados no questionário CSAI-2R, respondido no início e no final de temporada, separadamente. Neste estudo as análises inferenciais assumiram o valor de $p \leq 0,05$ para níveis de significância.

Após as análises iniciais, observou-se que os dados não apresentaram distribuição normal ($p < 0,05$), nem homogeneidade de variância ($p < 0,05$), para ambos os momentos de coleta, e assim foram utilizados mediana (Md) e quartis (Q1; Q3) para apresentação dos resultados. Diante da falta de normalidade e homogeneidade de variância, assumiu-se testes não paramétricos nas análises inferenciais.

Com o intuito de avaliar a confiabilidade das subescalas do instrumento, também, ou seja, avaliar a consistência interna das subescalas do questionário, em cada momento de coleta, utilizou-se do alfa de Cronbach (α de Cronbach), assumindo como aceitáveis para o α , valores entre 0,7 e 0,8 (FIELD, 2009), para cada subescala e momento de coleta, de forma isolada. Para avaliação da fidedignidade teste-reteste foi utilizado o coeficiente de correlação intraclass entre os itens e subescalas do CSAI-2R. Os valores de correlação assumidos foram os propostos por Hopkins (2002), em que 1 (perfeita), 0,91 a 0,99 (quase perfeita), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,51 a 0,70 (alta), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,10 a 0,30 (baixa) e $< 0,10$ (trivial).

Após essas etapas de análises, iniciou-se as análises acerca do objetivo do estudo. Para analisar as diferenças entre os grupos, no mesmo momento da coleta (início ou final da temporada), utilizou-se o teste U de Mann-Whitney. Para as análises entre os momentos de coleta (início *versus* final de temporada), para cada grupo, utilizou-se o teste de Wilcoxon, comparando-se o início e o final da temporada.

Por fim, com o intuito de verificar se houveram diferenças intragrupo, utilizou-se o teste de Friedman. O Wilcoxon foi utilizado como post hoc para localização das diferenças. O procedimento sequencial de Holm de Bonferroni foi aplicado para controle do erro tipo 1 (GREEN; SALKIND; AKEY, 2000).



3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O alpha de Cronbach revelou bons índices de confiabilidade no início ($\alpha > 0,727$) e no final da temporada ($\alpha > 0,752$), ou seja, o índice de consistência interna geral do CSAI-2R foi satisfatório nos dois momentos de coleta. Porém, como o instrumento foi utilizado em dois momentos da temporada, calculou-se a confiabilidade de cada subescala para cada momento de coleta. De acordo com a tabela 1, os valores de confiabilidade no início da temporada variaram entre 0,727 e 0,864, tendo a correlação item-subescala variando entre 0,363 e 0,760, indicando boa correlação entre os itens e a subescala a qual pertence.

Dando continuidade aos dados de confiabilidade, de acordo com a tabela 1, os valores de confiabilidade no final da temporada variaram entre 0,752 e 0,799, tendo a correlação item-subescala variando entre 0,355 e 0,728, indicando correlação adequada entre os itens e a subescala a qual pertence.

Tabela 1. Consistência interna das subescalas do CSAI-2R e correlação item-subescala.

Momento da competição	Subescala	Item número	α	Correlação Item-Subescala
Início da temporada	Ansiedade cognitiva	1, 4, 6, 8 e 12	0,784	0,637/0,402/0,454/0,706/0,613
	Ansiedade somática	2, 5, 9, 11, 13 e 15	0,727	0,363/0,525/0,514/0,512/0,426/ 0,685
	Autoconfiança	3, 7, 10, 14, 16	0,864	0,707/0,760/0,595/0,674/0,700
Final da temporada	Ansiedade cognitiva	1, 4, 6, 8 e 12	0,797	0,452/0,613/0,623/0,728/0,485
	Ansiedade somática	2, 5, 9, 11, 13 e 15	0,799	0,355/0,565/0,564/0,492/0,624/0,615
	Autoconfiança	3, 7, 10, 14, 16	0,752	0,428/0,700/0,703/0,511/0,717

Fonte: os autores (2022).

Nas comparações entre grupos conduziu-se análises para cada momento da coleta. Assim, analisando-se o início da temporada, pode-se observar que o grupo sub-15 apresentou valores superiores para subescala autoconfiança e valores menores para as outras subescalas (Tabela 2). Todavia, tais informações não foram confirmadas pelas análises inferenciais, conduzidas pelo teste U de Mann-Whitney, pois o mesmo não apresentou diferença significativa entre os grupos, para nenhuma das subescalas do instrumento ($p > 0,05$).

Em relação aos resultados acerca do final da temporada (Tabela 2), pode-se observar escores similares com os do início da temporada, ou seja, o grupo sub-15 apresentou escores elevados para subescala autoconfiança e escores baixos para as outras subescalas. Entretanto, essas informações não foram confirmadas pelas análises inferenciais, pois não houveram diferenças significantes entre os grupos, para nenhuma das subescalas do instrumento ($p > 0,05$). Esses resultados demonstram que os dois grupos (sub-13 e sub-15) apresentaram escores para subescalas de ansiedade (cognitiva e somática) e autoconfiança similares no início e no final da temporada.

Tabela 2. Comparação das subescalas do CSAI-2R (sub-13 *versus* sub-15).

Momento da competição	Subescala	sub 13 (n=13) Md (Q1; Q3)	sub 15 (n=13) Md (Q1; Q3)	Mann-Whitney U	P
Início da temporada	Ansiedade cognitiva	2,10 (1,80; 2,70)	2,00 (1,55; 2,40)	65	0,324
	Ansiedade somática	1,93 (1,43; 2,43)	1,36 (1,28; 1,86)	46,5	0,051
	Autoconfiança	3,10 (2,90; 3,70)	3,50 (2,80; 4,00)	64	0,297
	Friedman	0,0002*	0,0001*		
Final da temporada	Ansiedade cognitiva	2,20 (2,05; 3,05)	2,10 (1,60; 2,30)	54	0,116
	Ansiedade somática	1,72 (1,43; 2,54)	1,65 (1,43; 2,18)	76	0,678
	Autoconfiança	3,30 (2,85; 3,95)	3,40 (3,15; 3,80)	80	0,836
	Friedman	0,0001*	0,0001*		

*Diferença significativa: $p < 0,05$. Fonte: os autores (2022).

Assumindo as análises intragrupo, pode-se observar que o sub-13, no início da temporada e no final da temporada (Tabela 2), apresentou elevados escores para autoconfiança, o que foi confirmado pelo teste de Friedman. O teste demonstrou diferenças significantes entre as subescalas no início da temporada [$\chi^2(2) = 12,167$; $p < 0,0002$] e no final da temporada [$\chi^2(2) = 16,667$; $p < 0,0001$]. Concernente a localização, o post hoc apontou que no início da temporada houve diferença significativa entre a subescala autoconfiança e as demais subescalas ($p < 0,016$, valor ajustado), demonstrado que a subescala autoconfiança obteve os maiores escores no início da temporada. Em relação ao final da temporada, o post hoc apresentou resultados similares, ou seja, a subescala autoconfiança foi estatisticamente superior as demais subescalas ($p < 0,016$).

No que tange o sub-15, pode-se observar que o grupo apresentou escores superiores para autoconfiança no início e no final da temporada (Tabela 2). Essas observações foram confirmadas pelo teste de Friedman, pois o teste demonstrou diferenças significantes entre as subescalas no início da temporada [$\chi^2(2) = 18,145$; $p < 0,0001$] e no final da temporada [$\chi^2(2) = 14,714$; $p < 0,001$]. Referente a localização, o post hoc apontou que no início da temporada houve diferença significativa entre a subescala autoconfiança e as demais subescalas ($p < 0,016$, valor ajustado), demonstrado que a subescala autoconfiança obteve os maiores escores no início da temporada. Em relação ao final da temporada, o post hoc apresentou resultados similares, ou seja, a subescala autoconfiança foi estatisticamente superior das demais subescalas ($p < 0,016$).

Seguindo com as análises intragrupo, mas comparando as subescalas nos dois momentos da temporada (início da temporada *versus* final da temporada), pode-se observar que o sub-13 apresentou diminuição dos escores para duas subescalas (ansiedade somática e autoconfiança) e elevação dos escores para subescala ansiedade cognitiva no final da temporada (Tabela 3). Essas informações não foram confirmadas pelas análises inferenciais, conduzida pelo teste de Wilcoxon, pois o teste demonstrou que não houve diferença significativa entre os momentos coletados para nenhuma subescala do CSAI-2R ($p > 0,05$), ou seja, não houve alteração significativa entre os escores das subescalas quando se comparou o início e o final da temporada.

Tabela 3. Comparação das subescalas do CSAI-2R (início da temporada *versus* final da temporada).

Grupo	Subescala	Início da temporada Md (Q1; Q3)	Final da temporada Md (Q1; Q3)	Wilcoxon	P
sub-13 (n=13)	Ansiedade cognitiva	2,10 (1,80; 2,70)	2,20 (2,05; 3,05)	-1,852	0,064
	Ansiedade somática	1,93 (1,43; 2,43)	1,72 (1,43; 2,54)	-0,059	0,953
	Autoconfiança	3,10 (2,90; 3,70)	3,30 (2,85; 3,95)	-0,94	0,347
sub-15 (n=13)	Ansiedade cognitiva	2,00 (1,55; 2,40)	2,10 (1,60; 2,30)	-0,635	0,526
	Ansiedade somática	1,36 (1,28; 1,86)	1,65 (1,43; 2,18)	-1,634	0,102
	Autoconfiança	3,50 (2,80; 4,00)	3,40 (3,15; 3,80)	-0,039	0,969

Fonte: os autores (2022).

Referente ao sub-15, pode-se observar que o grupo diminuiu os escores de autoconfiança e aumentou os escores de ansiedade (cognitiva e somática) no final da temporada (Tabela 3). Todavia, essas observações não foram confirmadas pelo teste de Wilcoxon, pois as análises não apresentaram diferença significativa entre os momentos coletados para nenhuma subescala do CSAI-2R ($p > 0,05$), ou seja, não houve alteração significativa entre os escores das subescalas quando se comparou o início e o final da temporada.

Este estudo objetivou verificar o efeito da idade (sub-13 *versus* sub-15) e do momento da competição (início da temporada *versus* final da temporada) nos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de basquetebol. Tratando-se dos resultados sobre a influência da idade nos níveis de ansiedade pré-competitiva, os achados sugerem que não houve influência da idade, pois não houve diferença significativa entre os grupos (sub-13 e sub-15) para nenhuma subescala e/ou momento competitivo (início e fim da temporada).

A literatura cita que atletas mais experientes compreendem os sinais de ansiedade e autoconfiança como auxiliares do desempenho (FERNANDES *et al.*, 2013a, 2021), e que atletas com menos experiência interpretam os sinais de ansiedade e autoconfiança como dificultadores do desempenho (FERNANDES *et al.*, 2014). É oportuno citar que alguns autores citam que atletas mais experientes tendem a ser atletas mais velhos (FERNANDES *et al.*, 2021; PONS *et al.*, 2018; SANTOS *et al.*, 2019; TERTULIANO *et al.*, 2019), ou seja, as explicações utilizadas neste parágrafo são possíveis de suportar o efeito da idade nos níveis de ansiedade pré-competitiva. Assim, de acordo com a literatura, era esperado que o grupo mais velho (sub-15) apresentasse escores superiores de autoconfiança e baixo nível de ansiedade pré-competitiva, quando comparado como grupo mais jovem (sub-13) (FERNANDES *et al.*, 2014; FREIRE *et al.*, 2020; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; NOGUEIRA, 2016; PAES *et al.*, 2016; VIEIRA *et al.*, 2011), entretanto esses resultados não foram encontrados, pois não houve diferença entre os grupos.

Um dos fatores que pode ter influenciado os resultados é a pequena diferença de idade entre os grupos avaliados. Como a diferença de idade é pequena, de até 2 anos de idade, é possível levantar a seguinte pergunta: é possível que as influências da idade sejam mais observadas quando se compara atletas com diferença maior de idade?



Com o intuito de avaliar uma faixa mais ampla de idade, Tertuliano *et al.* (2019) investigaram os efeitos da idade dos atletas no nível de ansiedade de nadadores de águas abertas. Os autores avaliaram 129 nadadores com idade entre 14 e 49 anos, de ambos os sexos, utilizando o CSAI-2R, versão com 17 itens. Os atletas foram divididos, no que tange a idade, em três grupos: Grupo 1 – atletas com idade entre 14 e 16 anos; Grupo 2 – atletas com idade entre 17 e 19 anos; Grupo 3 – atletas com idade entre 20 e 49 anos.

Os achados demonstraram que a idade não foi um fator determinante para os resultados, pois houve diferenças entre grupos apenas para subescala ansiedade somática, com o grupo 3 apresentando escores superiores ao grupo 1, divergindo do esperado apontado pela literatura (FERNANDES *et al.*, 2014; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; NOGUEIRA, 2016; PAES *et al.*, 2016; VIEIRA *et al.*, 2011). Além disso, os resultados demonstraram que os três grupos apresentaram elevados escores de autoconfiança e baixos escores de ansiedade (cognitiva e somática). Com base nos achados, os autores concluíram que a idade não influenciou os níveis de ansiedade pré-competitiva dos nadadores de águas abertas e que a autoconfiança atuou como reguladora dos níveis de ansiedade (cognitiva e somática).

Em outro estudo, Ferreira *et al.* (2021) compararam os níveis de ansiedade de jogadores de futsal do sub-16 e sub-19. A diferença de idade entre as categorias era de aproximadamente 2 anos, como no presente estudo. Os autores utilizaram o CSAI-2 para análise dos níveis de ansiedade. Os resultados não demonstraram diferença significativa entre o sub-16 e o sub-19 para nenhuma subescala. Além disso, os dois grupos apresentaram elevados escores de autoconfiança, como ocorreu nos achados do presente estudo e nos achados de Tertuliano *et al.* (2019).

Dessa forma, parece que a amplitude da faixa etária não é um dos fatores que possa ter influenciado os achados do presente estudo. Todavia, é relevante citar que o presente estudo foi realizado com atletas amadores, bem como o estudo de Tertuliano *et al.* (2019) e de Ferreira *et al.* (2021), divergindo de outros estudos que foram realizados com atletas profissionais (FERNANDES *et al.*, 2014; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; NOGUEIRA, 2016; PAES *et al.*, 2016; VIEIRA *et al.*, 2011), o que pode explicar os resultados divergentes em relação à influência da idade dos atletas. Diante disso, discutindo os resultados sob a ótica de atletas amadores, Paes *et al.* (2016) citam que atletas amadores expressam níveis baixos de ansiedade somática e cognitiva, possivelmente pela baixa cobrança de resultados expressivos, o que é corroborado por outros estudos (BOAS *et al.*, 2012; BRANDÃO GOMES *et al.*, 2012; FERNANDES *et al.*, 2014; FERREIRA *et al.*, 2021; PAES *et al.*, 2016; SANTANA *et al.*, 2020; TERTULIANO *et al.*, 2019).

Retomando os achados do presente estudo, era esperado que os resultados do final da temporada fossem melhores que os resultados do início da temporada (NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; PAES *et al.*, 2016), mas isso não ocorreu, pois não houve diferença entre as subescalas nos dois momentos coletados para nenhum dos grupos (sub-13 e sub-15) (Tabela 3). Além disso, nos dois momentos competitivos avaliados a subescala autoconfiança obteve os



maiores escores para ambos os grupos (Tabela 2). Esses achados corroboram as proposições da teoria multidimensional da ansiedade (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990).

A teoria multidimensional cita que quando os atletas exibem altos valores de autoconfiança, os escores de ansiedade somática e cognitiva mostram-se baixos (MARTENS; VEALEY; BURTON, 1990). Assim, é possível tecer que os dois grupos apresentaram, no início e no final da temporada, valores elevados de autoconfiança, os quais foram significativamente superiores aos de ansiedade somática e cognitiva, corroborando a literatura (ARRUDA *et al.*, 2017; BERNARDT; SEHNEM, 2017; COWDEN; FULLER; ANSHEL, 2014; FERNANDES *et al.*, 2013a, 2021; FERNANDES; VASCONCELOS-RAPOSO; FERNANDES, 2012; FERREIRA *et al.*, 2021; FORTES *et al.*, 2017; HAGAN; POLLMANN; SCHACK, 2017; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016; PAES *et al.*, 2016; SANTANA *et al.*, 2020; TERTULIANO *et al.*, 2019).

Santana *et al.* (2020) investigaram o efeito do momento da competição nos níveis de ansiedade pré-competitiva de atletas de basquetebol das categoriais de base. Os autores utilizaram o CSAI-2R, versão com 16 itens. Os resultados demonstraram que os atletas apresentaram elevados escores para autoconfiança no início da temporada, e que durante a temporada os níveis de autoconfiança se mantiveram estabilizados, o que ocasionou em baixos níveis de ansiedade (cognitiva e somática) durante a competição.

Os achados de Santana *et al.* (2020) vão de encontro aos resultados do presente estudo. Sendo assim, os resultados do presente estudo, bem como os apontamentos supracitados, sugerem que desde o início da temporada os dois grupos estavam comprometidos com a preparação psicológica, com a equipe técnica auxiliando e dando suporte para que os atletas apresentassem elevados níveis de autoconfiança desde o início da temporada (vide tabela 2 e 3). Entretanto, cabe dizer que a questão de comprometimento na preparação psicológica não foi o objetivo do presente estudo, ou seja, não pode ser utilizado como explicação dos resultados encontrados, apontando perspectivas futuras de investigações.

Todavia, sabe-se que a preparação psicológica tem papel fundamental nos níveis de ansiedade do atleta e, assim, a literatura salienta que ações motivacionais e otimistas auxiliam de forma positiva os níveis de satisfação dos atletas, aumentando a autoconfiança (FERNANDES *et al.*, 2021; GOMES; MACHADO, 2010), ou seja, a autoconfiança pode ser entendida como estratégia de coping utilizada pelos atletas para o controle da ansiedade pré-competitiva (FERNANDES *et al.*, 2021; NASCIMENTO JUNIOR *et al.*, 2016). Sendo assim, quanto mais o técnico utilizar de estratégias que aumentem a motivação do atleta, melhor será o controle dos níveis de ansiedade (MESQUITA *et al.*, 2009; SANTANA *et al.*, 2020; VIEIRA *et al.*, 2013). Contudo, tal influência não foi objetivo do presente estudo, apresentando outra perspectiva futura de investigação.

Finalizando, os resultados do presente estudo, bem como os da literatura, servem de suporte teórico para as ações dos psicólogos junto aos atletas, pois os psicólogos do esporte podem utilizar de estratégias que aumentem a autoconfiança do atleta como mecanismo de controle da ansiedade. Todavia, essas informações são fundamentadas em concepções teóricas,



pois o acompanhamento psicológico não foi avaliado no presente estudo, sendo apresentadas como perspectivas futuras de investigação.

4 CONCLUSÃO

Com base nos resultados, pode-se concluir que não houve efeito da idade e do momento competitivo para este estudo, pois não houve diferenças entre os grupos para nenhuma variável e/ou momento competitivo, e que durante a temporada os dois grupos apresentaram alto escore de autoconfiança e baixo escore de ansiedade (cognitiva e somática), ou seja, pode-se dizer que a autoconfiança atuou como reguladora da ansiedade, como previsto pela teoria multidimensional da ansiedade.

Enquanto limitações, o presente estudo apresenta algumas, como: (a) apresentar um número baixo de participantes; (b) o uso de atletas de um único clube, caracterizando a pesquisa como um estudo de caso; (c) o uso de apenas atletas masculinos; (d) o uso de atletas de uma única modalidade esportiva. Diante dessas limitações, não é possível a generalização dos resultados para além da amostra investigada. Sendo assim, é sugerido, como perspectiva futura, que mais estudos sejam conduzidos levando em consideração as limitações citadas acima no momento do delineamento experimental.

REFERÊNCIAS

- ALEJO, A. A. *et al.* Does pre-competitive anxiety interfere in the performance of boxing athletes in brazil? A pilot study. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139–142, 2020. <https://doi.org/10.1590/1517-869220202602218943>
- ARRUDA, A. F. S. *et al.* Salivary steroid response and competitive anxiety in elite basketball players: Effect of opponent level. **Physiology & behavior**, London, v. 177, n. 1, p. 291–296, 2017. <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2017.05.017>
- BERNARDT, A. M.; SEHNEM, S. B. Ansiedade Pré-Competitiva e autoconfiança em modalidade de esporte coletivo. **Pesquisa em Psicologia: anais eletrônicos**, Joaçaba, p. 37–44, 2017. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/pp_ae/article/view/15580>
- BIAGGIO, A. M. B.; NATALÍCIO, L.; SPIELBERGER, C. D. Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) de Spielberger. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p. 31–44, 1977. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/viewFile/17827/16571>>
- BOAS, M. S. V. *et al.* Análise do nível de ansiedade de jovens atletas da Modalidade de Futsal. **Conexões**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 77–86, 2012. <https://doi.org/10.20396/conex.v10i3.8637648>



- BRANDÃO GOMES, T. V. *et al.* Efeitos do posicionamento e quantidade de prática mental na aprendizagem do arremesso do dardo de salão. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 273–279, 2012. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000200007>
- COELHO, E. M.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; MAHL, A. C. Confirmatory factorial analysis of the Brazilian version of the Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2). **The Spanish journal of psychology**, Madrid, v. 13, n. 1, p. 453–60, 2010. <https://doi.org/10.1017/S1138741600004005>
- CORRÊA, W. H. Basquete sobre rodas: análise da ansiedade pré-competitiva. **Revista da Sobama**, Marília, v. 17, n. 2, p. 31–36, 2016. <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2016.v17n2.05.p31>
- COWDEN, R. G.; FULLER, D. K.; ANSHEL, M. H. Psychological Predictors of Mental Toughness in Elite Tennis: An Exploratory Study in Learned Resourcefulness and Competitive Trait Anxiety. **Perceptual and Motor Skills**, Norfolk, v. 119, n. 3, p. 661–678, 2014. <https://doi.org/10.2466/30.PMS.119c27z0>
- COX, R. H.; MARTENS, M. P.; RUSSELL, W. D. Measuring Anxiety in Athletics: The Revised Competitive State Anxiety Inventory–2. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, New Milford, v. 25, n. 4, p. 519–533, 2003. <https://doi.org/10.1123/jsep.25.4.519>
- FERNANDES, M. G. *et al.* Fatores influenciadores da autoconfiança robusta em atletas amadores brasileiros. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 39, n. 104, p. 261–276, 2021. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.104.AO06>
- FERNANDES, M. G. *et al.* Factors influencing competitive anxiety in Brazilian athletes. **Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance**, Florianópolis, v. 15, n. 6, p. 705–715, 2013a. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n6p705>
- FERNANDES, M. G. *et al.* Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de desportos individuais e coletivos. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 10, n. 2, p. 81–89, 2014. [https://doi.org/10.6063/motricidade.10\(2\).2930](https://doi.org/10.6063/motricidade.10(2).2930)
- FERNANDES, M. G. *et al.* The CSAI-2: An Examination of the Instrument’s Factorial Validity and Reliability of the Intensity, Direction and Frequency Dimensions with Brazilian Athletes. **Journal of Applied Sport Psychology**, London, v. 25, n. 4, p. 377–391, 2013b. <https://doi.org/10.1080/10413200.2012.744780>
- FERNANDES, M. G.; VASCONCELOS-RAPOSO, J.; FERNANDES, H. M. Propriedades Psicométricas do CSAI-2 em Atletas Brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 25, n. 4, p. 679–687, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000400007>
- FERREIRA, S. C. *et al.* Comparison of pre-competitive anxiety between futsal players of sub-16 and sub-19 category. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 10, n. 7, p. e5510716189, 2021. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i7.16189>
- FIELD, A. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. São Paulo: Bookman, 2009.



FORTES, L. S. *et al.* Influence of Competitive-Anxiety on Heart Rate Variability in Swimmers. **Journal of Sports Science and Medicine**, Bursa Turkey, v. 16, n. 4, p. 498–504, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/320307421_Influence_of_Competitive-Anxiety_on_Heart_Rate_Variability_in_Swimmers>

FREIRE, G. L. M. *et al.* Ansiedade em atletas de Jiu-Jitsu: diferenças de acordo com idade e nível competitivo. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 8, p. e743986488, 2020. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6488>

GOMES, A. R.; MACHADO, A. A. Liderança, coesão e satisfação em equipes de voleibol portuguesas: Indicações da investigação e implicações práticas. In: BRANDÃO, R. M. F.; MACHADO, A. A. (Eds.). **O Voleibol e a psicologia do esporte**. São Paulo: Atheneu, 2010. p. 187–218.

GREEN, S. B.; SALKIND, N. J.; AKEY, T. M. **Using SPSS for windows: analyzing and understanding data**. 2. ed. New Jersey: Prentice Hall, 2000.

GUERRERO, K. B.; FERNANDES, P. T. Ansiedade no basquetebol universitário feminino. **Motricidade**, Ribeira de Pena, v. 17, p. 1–19, 2021. <https://doi.org/10.6063/motricidade.21074>

HAGAN, J. E.; POLLMANN, D.; SCHACK, T. Interaction between gender and skill on competitive state anxiety using the time-to-event paradigm: What roles do intensity, direction, and frequency dimensions play? **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 8, p. 1–13, 2017. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00692>

HOPKINS, W. G. **A scale of magnitudes for effect statistics**. 2002. Disponível em: <<http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

JONES, G.; SWAIN, A. Intensity and direction dimensions of competitive state anxiety and relationships with competitiveness. **Perceptual and motor skills**, Norfolk, v. 74, n. 2, p. 467–472, 1992. <https://doi.org/10.2466/pms.1992.74.2.467>

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARENUCCI, N. R. *et al.* Ansiedade pré-competitiva, coesão de grupo e resiliência em atletas de Futsal feminino. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 12, n. 48, p. 195–201, 2020. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/916>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MARTENS, R.; VEALEY, K. S.; BURTON, A. **Competitive anxiety in sports**. Champaign: Human Kinetics, 1990.

MESQUITA, I. *et al.* A intervenção pedagógica sobre o conteúdo do treinador de futebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 25–38, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000100003>



- MILAVIĆ, B.; JURKO, D.; GRGANTOV, Z. Relations of competitive state anxiety and efficacy of young volleyball players. **Collegium antropologicum**, Zagreb, v. 37, n. 2, p. 83–92, 2013. <https://doi.org/https://hrcak.srce.hr/102461>
- NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. *et al.* Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89–102, 2016. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v18n2p89-102>
- NOGUEIRA, F. C. A. **Crença de auto eficácia e ansiedade em atletas de Voleibol**. 2016. 115p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de ciências humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.
- PAES, M. J. *et al.* Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v. 6, n. 3, p. 46–56, 2016. <https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i3.7276>
- PALUDO, A. C. *et al.* Relação entre ansiedade competitiva, autoconfiança e desempenho esportivo: uma revisão ampla da literatura. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 34, n. 85, p. 156–169, 2016. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.34.085.AO06>
- PONS, J. *et al.* The Mediating Role of Coping between Competitive Anxiety and Sport Commitment in Adolescent Athletes. **The Spanish journal of psychology**, Madrid, v. 21, p. E7, 2018. <https://doi.org/10.1017/sjp.2018.8>
- SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas**. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.
- SANTANA, B. A. *et al.* Níveis de ansiedade de atletas no início e no final de um campeonato de basquetebol. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 18, n. e020004, p. 1–18, 2020. <https://doi.org/10.20396/conex.v18i0.8657806>
- SANTOS, Í. *et al.* Ansiedade pré-competitiva em atletas de diferentes esportes: um estudo de revisão. **Revista Mundi Saúde e Biológicas**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 1–26, 2019. <https://doi.org/10.21575/25254766msb2019vol4n2916>
- SILVA, C. K. F. B. *et al.* Impacto de la ansiedad competitiva en la variabilidad de la frecuencia cardíaca y el rendimiento de los nadadores jóvenes. **Revista Peruana de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, Arequipa, v. 8, n. 4, p. 1234–1245, 2021. Disponível em: <<https://rpcafd.com/index.php/rpcafd/article/view/167>>
- SWAIN, A. B. J.; JONES, G. Intensity and frequency dimensions of competitive state anxiety. **Journal of Sport Sciences**, London, v. 11, n. 6, p. 533–542, 1993. <https://doi.org/10.1080/02640419308730024>
- TEIXEIRA, K. C.; NUNES, C. H. S. S.; CRUZ, R. M. Estudos psicométricos de instrumentos de ansiedade no contexto esportivo: uma revisão sistemática. **Revista Avaliação Psicológica**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 362–370, 2016. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1503.09>



TERTULIANO, I. W. *et al.* Os efeitos da idade e do sexo no nível de ansiedade de nadadores de águas abertas. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 17, n. e019021, p. 1–19, 2019. <https://doi.org/10.20396/conex.v17i0.8655148>

TERTULIANO, I. W.; MACHADO, A. A. Psicologia do Esporte no Brasil: conceituação e o estado da arte. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, n. 53382, p. 1–9, 2019. <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.53382>

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2012.

VIEIRA, L. F. *et al.* Análise da síndrome de “burnout” e das estratégias de “coping” em atletas brasileiros de vôlei de praia. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 269–276, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000012>

VIEIRA, L. F. *et al.* Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 183–188, 2011. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2011v13n3p183>

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2017.

Submetido em 27/01/2022

Aceito em 29/04/2022

Publicado em 05/2022